

PREFÁCIO  
de Arthur Neiva

PARA A 1ª. EDIÇÃO

Em 1.912, percorria eu grande zona do nordeste do Brasil, amarguradamente surpreendido diante da pobreza de vegetação daqueles sertões, cujas riquezas fabulosas encheram minha imaginação de menino. Espantava-me, sobretudo, a quase nudez do solo um pouco adiante dos cursos d'água e o São Francisco, do qual tanto ouvira falar, desde que minha inteligência desabotoara, me consternava, pois tão grande caudal não era mais do que delgada tira líquida debruada de longos cílios de vegetação debruçados sobre suas margens, em meio de imensa zona semiárida.

Continuando a travessia consegui alcançar Goiás, tendo galgado a serra do Duro e daí me dirigido ao Pôrto Nacional, à margem do Tocantins, de onde rumei, pelo centro do território goiano, para a capital do Estado. O grande Tocantins e os numerosos cursos d'água de Goiás, na zona percorrida, só possuem, como o caudaloso São Francisco, uma orla ou fímbria de vegetação junto às barrancas.

Quando alcancei a capital de Goiás era portador de uma imensa decepção, pois escolhera a zona goiana, supondo-a coberta de matas, o que me permitiria investigações científicas nos domínios da parasitologia. Em tão longo percurso somente atravessara uma mata de 6 quilômetros de largura, próximo à capital de Goiás, faixa de floresta que, internando-se em Mato Grosso, deu origem ao nome deste Estado, o qual aliás é desprovido de vegetação na sua maior área.

Desde a escola que vinha sendo intoxicado pelo ditirambo. A nossa imaginação enchia todo o território nacional das maiores florestas do mundo e quando, aos 32 anos de idade, percorri tão extensa zona, já possuía larga experiência de vida e tinha visto em outros pontos do Brasil, como por exemplo, Mato Grosso, um grande desmentido à voz corrente.

Em 1.916, no relatório que sobre a viagem publiquei nas «Memórias do Instituto Oswaldo Cruz», ocupei-me do assunto, tendo chamado a atenção para o fato de que, já em 20 de junho de 1.784, o ouvidor F. Nunes da Costa lançara um apêlo à metrópole, a propósito da devastação das matas de Jequiriçá e o rio Contas, na Bahia, como se vê

na «Dissertação histórica, etnográfica e política», de Cerqueira e Silva, aparecida no volume 12 da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», publicada em 1.894. Pela leitura do referido trabalho verifica-se que desde 1.652 o alarma contra a devastação das matas já tinha sido dado, obtendo como resultado prático o regimento de 13 de outubro de 1.752, o qual tomava providências sôbre o corte de madeiras de lei.

Finalmente, em conseqüência de novas representações levadas à decisão da metrópole, se originou a carta régia de 13 de março de 1.797, determinando que se organizasse o plano para se impedir a destruição das matas.

Impressionado com o que vira, bordei outros comentários a respeito, frisando que a civilização invadira o sertão brasileiro abrasando as matas, cuja destruição continuava sempre em maior escala e textualmente disse: «O sertanejo inconsciente está preparando o deserto. Os aborígenes que habitavam o Brasil antes do descobrimento só conheciam um único meio de lavar a terra e que era o fogo; dêles, os invasores não só herdaram a *técnica* como ainda perpetuaram a terminologia já absorvida pelo vernáculo, como se verifica pelos vocábulos *capoeira*, *caicara*, *coivara*. Uma das tribos de índios mais numerosos do Brasil, a dos caiapós, tirou êsse nome, segundo os entendidos, do fato de fazer queimadas».

Depois fui acumulando novos elementos e procurando observar melhor e, com tristeza, verifiquei que o brasileiro é dendroclasta por hereditariedade. Se o caiapó era o fazedor de queimadas, o português não lhe ficava atrás. Quando descobriram a ilha da Madeira inteiramente coberta de densa vegetação, lançaram fogo nas matas que ardeam pelo espaço de 3 anos. Durante 400 anos de presença dos portugueses e seus descendentes no Brasil, o deserto só fêz crescer.

Do Rio de Janeiro às proximidades de Jundiaí, no lugar denominado Castanho, o viajante poderá se dar conta facilmente, do trem que o conduz do Rio a São Paulo e daí pela rodovia, no automóvel que o leva, que quatro séculos bastaram para fazer substituir, numa extensão aproximada de 600 quilômetros, por não sabemos quanto de largura, a floresta primitiva por um sapêzal ou samambaial quase ininterruptos.

Em São Paulo ainda houve a relativa compensação da cultura cafeeira suceder à mata derrubada, mas no restante do Brasil o Jeca, para plantar um punhado de milho e de feijão, não hesita em queimar um alqueire de terra. O nosso matuto em geral tem verdadeira fobia à árvore e nunca me esqueci de uma vez em que, admirando um desses colossos vegetais, ao exclamar junto a um caipira: «Que bonito paul!» êle retrucou mirando o soberbo exemplar da nossa flora, depois

de uma curta reflexão: Deve dá um trabaião prá derrubá». No subconsciente do nosso sertanejo existe uma arraigada aversão à árvore, que bem se poderia chamar de dendrofobia e, a ferro e a fogo, de norte a sul, o brasileiro só tem procurado fazer o deserto, embora, por imitação, adotemos o dia da árvore sem que de fato a cultivemos, não passando de mera manifestação burocrática.

Pois foi num ambiente destes que, por um miraculoso contraste, surgiu Navarro de Andrade. Em uma terra onde gerações se sucedem a derrubar matas, Navarro de Andrade realiza um paradoxo: planta 10 milhões de eucaliptos. Quem percorre o interior de São Paulo, um pouco atento à paisagem, há de surpreender-se por várias vezes com o aspecto estranho que a vegetação apresenta: são os eucaliptais plantados por Navarro ou à sua imitação, e que vão criando uma paisagem nova, inteiramente estranha aos nossos olhos.

Em meados de 1.917 visitei pela primeira vez o Hôrto de Rio Claro e até hoje guardo a profunda impressão que êle me deixou. Pude analisar detidamente a obra realizada pelo grande pioneiro e, apesar de ter trabalhado com Oswaldo Cruz desde o primeiro dia em que êle iniciou a luta contra a febre amarela e admirado o seu gênio de organizador, posso afirmar, sem receios, que o grande brasileiro teria imensa satisfação em subscrever obra tão primorosa.

Depois visitei demoradamente, passando muitos dias em Rio Claro, a obra realizada pela Companhia Paulista e minha admiração só fêz crescer com o melhor conhecimento que vou adquirindo do espírito que a empreendeu e a realizou. Não conheço ninguém entre os contemporâneos vivos que vá arrancar da posteridade maior soma de respeito e admiração. Realizou, por si só, o trabalho de uma geração e durante 25 anos arrostou tôda sorte de obstáculos que a incompreensão, o misoneismo, a má fé e o patrioteirismo ergueram contra a grande obra. Alguns diziam que cultivar eucaliptos era uma demonstração de pouco patriotismo, pois a rica flora brasileira poderia apresentar milhares de espécimes com maiores vantagens.

No entanto, os que assim o combatiam fingiam ignorar que a portentosa obra realizada pelo emérito paulista tinha sido, desde o começo, acompanhada pelo mais rigoroso determinismo científico. Quando a Companhia Paulista resolveu fundar um hôrto florestal, o primeiro trabalho do então jovem brasileiro foi o de plantar todos os vegetais nacionais e estrangeiros que pudessem ser explorados entre nós. Com o correr dos anos algumas espécies de eucaliptos acabaram por se impor pelo rápido crescimento e nos hortos da Companhia ainda hoje se pode ver numerosos talhões com essências vegetais, nacionais e exóticas, como testemunhas das experiencias executadas pelo notável patricio. Com o desenvolvimento, porém, dos eucaliptais, um êrro foi

tomando vulto entre os interessados: o de que eucalipto é uma única planta com múltiplas aplicações.

Em um meio onde o conhecimento de história natural é pouco vulgarizado, mesmo entre as camadas cultas, era difícil fazer compreender de que sob o nome genérico de EUCALYPTUS estavam compreendidas quatrocentas e muitas espécies a êle pertencentes. Uma das partes mais importantes do trabalho de Navarro de Andrade foi reunir a maior coleção existente em todo o mundo das espécies do gênero em questão.

Muitas delas são gigantescas, outras, porém, de pequeno porte; algumas têm uma tal densidade que se prestam para variados misteres; outras nenhuma utilidade possuem. A falta de conhecimento dessas coisas deu origem a muitos insucessos. Navarro, a princípio, quis orientar a opinião dos plantadores, a fim de evitar desastres na exploração da planta. Estudou com o maior rigor as espécies que se aclimaram às várias condições de clima e topografia do país e ensinou quais as espécies que resistem à geada, as que vegetam bem nas zonas secas, as que crescem à beira-mar e as que se desenvolvem junto aos brejos; indicou, depois de rigorosas experiências, qual a distância conveniente para o plantio e quantos anos depois da frutificação deve-se começar o aproveitamento da semente. Vulgarizou os resultados das suas experiências em livros, conferências e artigos pela imprensa, mas acima da capacidade do silvicultor estava a impermeável rotina e para não citar senão um exemplo dos muitos que me ocorrem basta dizer o seguinte: certa vez, um abastado fazendeiro procurou o escritório da Companhia a fim de comprar sementes, com o intuito de iniciar uma plantação; a espécie escolhida pelo comprador foi o *Eucalyptus globulus*. Navarro, que se achava presente, interveiu, perguntando qual a zona do país em que ia ser tentada a cultura. «São Paulo» diz-lhe o comprador. «Nêste caso será preferível escolher outra espécie; o *Eucalyptus globulus*» prossegue Navarro, «dá muito mal em São Paulo; possui, no entanto, algum desenvolvimento no Rio Grande do Sul. É uma espécie inteiramente imprópria para ser explorada em São Paulo». Foi a seguinte a original resposta do comprador: «Vim adquirir sementes e não comprar conselhos. Vou plantar *globulus* e triplicar a encomenda das sementes». Como era fácil prever, as plantações feitas por êsse alentado representante da rotina não foram adiante.

A obra que tenho a honra de prefaciар condensa o resultado de mais de 25 anos de estudos e investigações as mais rigorosas. Os interessados vão dispor de uma obra profundamente original em nosso meio, e da maior autoridade sôbre o assunto em todo o mundo. Não é um trabalho de compilação, mas um repositório de fatos colhidos na mais larga e profunda experiência sôbre a matéria em todo o orbe. Esta afirmação não é mais que a repetição de palavras que ouvi de

um dos encarregados do Serviço Florestal, em Washington, e que, sabedor da presença de um sul-americano no Museu Nacional, onde então trabalhava, foi à minha procura para auxiliá-lo na interpretação de alguns vocábulos portugueses de um livro que estava encarregado de traduzir.

Tratava-se de traduzir o «Manual do plantador de eucaliptos», de Navarro de Andrade. Auxiliei-o quanto pude, mas por curiosidade perguntei: «Qual a opinião que forma dêste trabalho?», ao que o técnico respondeu, sem hesitação: «É o que existe de melhor, no assunto, escrito até hoje».

Para obter tão completo domínio sôbre a especialidade, consagrou o melhor da sua poderosa inteligência, percorreu o mundo quase todo, conhecendo *de visu* e estudando as maiores plantações existentes. Conseguiu assim realizar a maior cultura de eucalipto que se fêz no mundo e, em consequência do efeito da sua propaganda, alcançou o belo resultado de se ter já plantado, em todo o Brasil, cêrca de 80 milhões de eucaliptos. Sôzinho realizou trabalho semelhante ao govêrno inglês com a seringueira. O Amazonas continua sendo o maior repositório do mundo de espécies do gênero *Hevea*, assim como a Austrália é a parte do globo onde existe maior quantidade de espécies do gênero *Eucalyptus*. Mas plantações que permitam uma exploração rápida e lucrativa, sômente existem nas mãos dos inglesês com a nossa seringueira e, em se tratando de eucaliptos, sômente entre nós.

É incrível o que a ardente imaginação dos detratores do eucalipto tem inventado contra a grande obra. Há uma determinada parcela de má fé, mas em geral a oposição provém do grande manancial de rotina que o brasileiro possui atâvicamente, pois não seria do português, do índio ou do africano que nós iríamos buscar visão larga, ânsia de progresso e espírito científico. Todos os cometimentos de importância no Brasil sofreram violentas investidas, não só por parte da massa, como até de homens eminentes. Bernardo de Vasconcellos opôs-se, sincera e ferozmente, à abertura de estradas de ferro no Brasil. Certa vez, tive a oportunidade de ler um trabalho do Barão de Javari, que condensava a história do parlamento brasileiro até 1.889. Trata-se de um grosso livro, vasto repositório de fatos interessantíssimos. Os principais projetos apresentados ao parlamento são rapidamente historiados e resumidos. Pode-se, através dessa obra, ver que o espírito misoneista no Brasil é bem mais profundo e largo do que se imagina. A oposição que o estabelecimento dos telégrafos levantou foi também considerável. Nem se diga que fatos semelhantes aconteceram em alguns países, sendo portanto uma demonstração do espírito de uma época. Não há muitos anos, Anísio de Abreu, figura importante da política do Piauí, tendo sido deputado, senador e governador, homem incontestavelmente inteligente e culto, a tal ponto que foi o escolhido pelos seus colegas

para responder a Rui Barbosa quando este criticou os erros jurídicos e os solecismos que inchavam o parecer sobre o código civil, opôs-se formalmente a que se construíssem estradas de ferro no Piauí, porque tal cometimento iria acarretar prejuízos para milhares de piauienses que viviam como tropeiros. Mais de 60 anos depois, reproduzia os argumentos de Bernardo de Vasconcellos, isto é, não compreendia o progresso; o português continuava.

A campanha que Oswaldo Cruz sofreu foi movida pelas mesmas forças que atuam contra a portentosa obra de Navarro de Andrade. Um das mais lúcidas inteligências que a classe médica tem possuído, Nuno de Andrade, ferido no seu amor próprio, combateu por todos os meios e modos as doutrinas sustentadas por Oswaldo. Certamente que dentro de sua consciência tinha a certeza de que a razão estava com Oswaldo Cruz, mas não hesitou em lançar mão de todas as armas que sua formosa inteligência podia fornecer para dar combate ao seu colega. Utilizou-se até do ridículo, quando propalou, sabendo de antemão que o meio intelectual brasileiro serviria de meio de cultura, uma boa pilhéria que fez época.

Dizia Nuno de Andrade, explorando a incredulidade dos poderosos positivistas da época: «É muito engraçado: vem um mosquito, chupa sangue e depois cospe febre amarela». Quando cotejo as duas obras, encontro pontos de contacto entre as realizadas por Navarro de Andrade e Oswaldo, sendo de se notar que a iniciativa do plantador de eucaliptos é inteiramente original.

As coisas mais absurdas têm sido inventadas contra o eucalipto. Uns dizem: «Os eucaliptos não servem nem para lenha», isso apesar do atestado do inspetor da Paulista, Monlevade, do uso que dela se está fazendo atualmente na Companhia e da utilização da lenha em questão, que faz de Santa Gertrudes um dos maiores centros oleiros de São Paulo. Até o rápido crescimento serve de arma para os impugnadores quando afirmam que o eucalipto racha quando é aproveitado para poste; rachará se o fizerem aproveitando uma árvore ainda nova, pois um eucalipto com 8 ou 10 anos atinge alturas extraordinárias. Um filhote de baleia ou de elefante é de enormes dimensões, mas nem por isso o organismo se encontra em pleno funcionamento e o próprio esqueleto ainda não está inteiramente ossificado.

O fato é que o eucalipto aos 5 e 6 anos dá grande rendimento para lenha; dos 15 em diante algumas espécies poderão fornecer dormentes e postes; e dos 25 em diante as colossais árvores fornecem indiferentemente pau para toda obra.

Navarro de Andrade pode considerar-se vitorioso; a posteridade lhe fará inteira justiça e a prova é que a opinião do estrangeiro, que precede sempre a consagração dos vindouros, já foi feita e já se sente

que ao se tratar do assunto eucalipto, tôda a gente culta do país evoca o seu nome.

Certa vez, em Nikko, admirando as maravilhosas alamedas de criptomérias, tive ensejo de ouvir do japonês amigo que me acompanhava a interessante história que passo a narrar: Quando o xogum Tocugawa dominava sem contraste o Japão, deliberou que os *daimios* oferecessem grandes presentes em dinheiro para que se pudesse construir o magnífico templo daquela cidade. O ardiloso governante tinha por objetivo impedir que os seus barões feudais pudessem acumular grandes fortunas, o que poderia vir a diminuir-lhe o poder, caso se coligassem os mais ricos. Entre os *daimios* existiam alguns de poucos haveres e um dêles, na impossibilidade de concorrer com grandes dádivas, plantou os milheiros de criptomérias que hoje fazem o orgulho do Japão e patrimônio da própria cultura universal. Ao plantá-las, o *daimio* pobre excusava-se junto ao poderoso xogum: «É o máximo que posso dar; por muitos anos, todos sorrirão do meu concurso, mas no futuro a oferta que fiz terá a primazia entre as magnificentes dádivas de hoje». A profecia realizou-se. Quinhentos anos depois pude apreciar a gloriosa realização proporcionada à pátria pelo humilde *daimio*.

Já há muitos séculos as portentosas criptomérias são objeto de admiração dos forasteiros e orgulho dos japoneses. À sombra das árvores gigantescas, nos antípodas do Brasil, ouvindo a curiosa narrativa do inteligente companheiro que me seguia, sem querer, recordei-me de Navarro de Andrade que do outro lado do mundo estava realizando obra semelhante, em escala incomparavelmente maior e cuja demonstração não necessitará sequer de meio século para se fazer.

Navarro, num país de imprevidentes, excepcionalmente, realizou o tipo que Rui Barbosa descreveu do plantador de carvalho, que lança a semente para a geração vindoura, enquanto o cultivador de coève o faz para o dia de amanhã.

Um dia, na Argentina, na exposição de gado que ali anualmente se realiza, fui testemunha de um fato difícil de esquecer: um criador obtivera o almejado 1º. prêmio, e no meio de um grande cerimonial os poderes públicos fazem-lhe entrega da medalha cobiçada, após algumas palavras de incitamento e aplauso. Ao iniciar o agradecimento, o estancieiro profere algumas frases banais; aos poucos, porém, vai atrair a atenção da assistência, ao narrar as vicissitudes, lutas, guerras que seu progenitor teve de sustentar, e, dominando o auditório com a altiloquência que a sinceridade confere, o milionário recompensado contou, comovendo-se e à assistência, o que foi a ingente luta travada pelo seu pai contra tôdas as fôrças desencadeadas da rotina e do preconceito. Êle, porém, e os seus, orgulhavam-se de ter vivido o suficiente para assistirem o reconhecimento, por parte da nação, dos servi-



ços prestados pelo seu ascendente, cuja estátua hoje se ergue em um dos recantos de Buenos Aires.

A luta do pioneiro em qualquer parte é sempre áspera, quando não inglória. Aos poucos o reconhecimento virá, a princípio lentamente, até que passa para marcha progressivamente acelerada. Se o eucalipto para nada servisse, haveria ao menos a compensação de um só homem ter plantado num país devastado 10 milhões de árvores.

Quem vive rolando por êste mundo de Deus afora deve ter observado que a monotonia, o cansaço e o tédio vêm depois de algum tempo e a respeito de quase tôdas as coisas. O mar, a montanha, o rio, a planície, o lago, acabam fatigando o observador. Só uma coisa na natureza resiste a vida inteira ao contacto diário: é a árvore. A sua presença não cansa nunca. Diz um provérbio oriental que o homem deve ao menos fazer uma coisa útil: plantar uma árvore. Se é verdadeiro o conceito, Navarro de Andrade plantou 10 milhões, isto é, êle sôzinho trabalhou como uma nação inteira.

Aquela festa a que eu assisti na Argentina, um dia os pósteros entre nós, hão de realizar outra semelhante, quando a pátria, cônica dos incedíveis serviços, consagrar no bronze os trabalhos realizados pelo excepcional descortino do paulista plantador de eucaliptos. Esta consagração virá. Em 20 ou 30 anos, no Brasil, operam-se verdadeiros milagres e muito possivelmente, nêste lapso de tempo, a nossa mentalidade atual estará também mudada e o meu vaticínio se realizará para orgulho meu, se porventura êste prefácio chegar até lá, pois assim terei demonstrado aos vindouros que eu fazia parte dos compatriotas contemporâneos de Navarro que compreendiam, em tôda a sua extensão, a sua incomparável e imensa obra.

São Paulo, dezembro de 1.927

*Arthur Neiva*